

50 MA D^{os} INUMERÁVEIS

poemas

Eduardo Martins

50 MA D^{os} INUMERÁVEIS
poemas

1ª edição

Temática Editora
Porto Velho – Rondônia, 2019

Copyright © by Eduardo Martins



Rua Marechal Deodoro, 1956 C Centro
CEP: 76804-098 Porto Velho-RO
(69) 99246-7839 (WhatsApp)

Comissão Técnica
Abel Sidney
Preparação de originais e revisão

Rogério Mota
Capa e diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

M379s Martins, Eduardo.

Soma dos inumeráveis./ Eduardo Martins. – 1. ed. –
Porto Velho: Temática Editora, 2019.

77 p. ; 21 cm

ISBN: 978-65-5025-010-2

1. Poesia. I. Título. II. Eduardo Martins.

CDD 869.1

CDU 82-1

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Zane S. S. Santos CRB 11/1081

no final das contas, a soma
é o que a vida nos deixou
para nunca mais subtrairmos.

Sumário

Prefácio 11

TOMO I:
subtrações da falta 15

TOMO II:
as adições do menos 37

TOMO III
soma dos inumeráveis 55

Prefácio

Pétalas e Pérolas

Marcelo Mário de Melo

A poesia de Eduardo Martins não é galope em pradaria, corrida de cem metros rasos, voo de asa delta, dança frenética, redemoinho, turbilhão, vendaval. É poesia de água mansa minando da rocha, das fontes profundas, formando rios de sentimentos no mar da vida.

Estamos diante de um poeta da subjetividade, marca de Eduardo Martins desde os primeiros poemas da juventude, no início dos anos 1980, no Recife, nos tempos do Movimento dos Escritores Independentes. De lá também remonta a sua distinção pela qualidade literária na lavra da palavra. E o tempo só fez aprimorar estes dois aspectos. Em mergulhos na soma algébrica da vida e no adestrar a mão do artesão na pedra mó da maestria, proporcionando-nos uma poesia de cordas dedilhadas em execução de virtuose.



“Tudo o que de mim se perde / acrescenta-se ao que sou”, disse Ferreira Gullar num poema. A poesia de Eduardo Martins, notadamente neste livro, trata desses acréscimos de perdas no fundo da alma. O perde-fica, a dor presente do membro amputado, os mínimos múltiplos comuns e incomuns da convivência e do amor numa síntese poética de busca do equilíbrio existencial, com olhos de maturidade. *O inverno da solidão e as dúvidas batendo na janela, de onde o poeta observa e passa a peneira na lava da palavra.*

Mas a peneira madura de Eduardo Martins não é marcada pela nostalgia, o saudosismo, a mitificação do passado, o acinzentamento do futuro, a angústia, a aflição ante o correr dos anos, muito menos por pigmentos de depressão, desespero e decadência existencial, que, muitas vezes, invadem a mente e se refletem nas obras dos que, como ele, aproximam-se dos sessenta anos. É uma peneira delicada e vigorosa, banhada em água que lava diamante, compondo uma colcha de retalhos. *Observando a juventude que se vai, ele sorri do passado e abre dentes de verão em suas paredes, como diz num poema.*

Em Eduardo Martins a tristeza transitada não é repugnada em gritos de dor e exacerbações, mas recolhida em concha de afeto – às vezes afeto ferido –, e trazida ao

ninho do peito, ao lado de ovos chocando pintos que vão nascer, crescer e se multiplicar nas florações da vida, em novos ovos e anunciando as auroras. *E ante a fatalidade da morte, o poeta pede para que se façam preces à poesia de corpo presente em vida presente.*

Na seara do amor, o poeta se faz asfalto e pede aos deuses da estrada que não tirem a amada da sua curva. Nas sendas da sensualidade e do sexo, ele sustém e soma no “s” da sutíliza, abrindo “lábios de coxas” e se abrigoando “na fenda”.

Neste livro, como mágico de circo, o poeta Eduardo Martins engana a gente. Dando nó em pingos de palavra-água em operações na matemática superior da alma e fingindo aritmética elementar de simples soma.

Na jardinagem e entre as flores, uma poesia que prefere as pétalas, com o “p” de pérolas.





TOMO I

subtrações da falta



subtrações da falta

levo as minhas perdas
como quem lava a memória
– esqueço que vieste
sem permissão –
sei que saíste
subtração
esta falta sem conta
sem restos
com apenas um número
no conjunto vazio.



quando a alma é pura

A minha irmã Josete Melo Santos, *in memoriam*

Quando a alma é pura
não oramos em sua partida
não clamamos a Deus sua permanência
e então aprendemos que o amor é para sempre

Para sempre e para tanto
como nosso sol de arrependimento
como a lição que não se fez
ou nossas tardes tão tardias de sentimentos

Aprendemos que a permanência
é o que carregamos em nosso espírito
em nossa esperança de espírito
em nossas idas permanentes

Quando a alma é pura
não queremos ficar
queremos ir com a alma
queremos ser a alma
queremos que nos leve
sem nos levar.

Queremos que nos deixe aqui
aqui onde nada se faz
onde nada se ganha
aqui bem dentro,
onde somos capazes de sorrir
e perpetuar todas as nossas almas
vestidas de querer, esperança e medo.



de silêncio em silêncio

quero teu silêncio hoje
– agora e inadiável –
 não aquele silêncio
 que trazes estampado no rosto
 e que todos ouvem

quero o silêncio
 que trazes no corpo
 e conta tua história

– aquele que só consigo tocar
 e fazer parecer
 que também é meu –

 não o silêncio dos olhos
 que atravessa planícies
 de outras vidas
 e repara a dor
 de outra solidão